

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

A GREVE DE 70 DIAS NO SUL E SUESTE, BARREIRO – 1920 - SEGUNDO OS DIÁRIOS DE JOSÉ ANTÓNIO MARQUES

Comunicação por Rosalina Carmona¹

O texto que vamos apresentar é a crónica de uma longa greve nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste em 1920, acontecimento histórico no qual o narrador é observador e participante.

Trata-se da transcrição de parte de um documento manuscrito por José António Marques, operário ferroviário, em cadernos sob a forma de registos diários². José António Marques nasceu no dia 1º de Maio de 1900, iniciando os seus diários por volta dos 18 anos, coisa que fez ao longo de toda a sua vida, tendo parado apenas 3 anos antes de morrer, em 1993.

Os seus apontamentos versam sobre uma multiplicidade de acontecimentos ocorridos no Barreiro, de tal forma, que, sob o ponto de vista histórico os seus escritos constituem uma fonte extraordinária para o conhecimento da vida quotidiana da população do Barreiro, na primeira metade do século XX, com especial enfoque na comunidade operária ferroviária. Inseto no seu primeiro caderno, encontra-se o testemunho sobre um facto datado de 1920: a greve de 70 dias que teve lugar na Companhia dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, empresa na qual trabalhava José António. A greve teve início a 30 de Setembro e terminou a 9 de Dezembro de 1920.

¹ Câmara Municipal do Barreiro. Comunicação apresentada no Congresso “Estudos Sobre a Indústria, o Trabalho e o Movimento Operário em Portugal”. Contribuições provenientes da série de encontros de investigadores de ciências sociais ‘Áreas Industriais e Comunidades Operárias’ organizados em 2011 em Portimão a 3 e 4 de Junho, em Lisboa a 20, 21 e 22 de Outubro, em Almada a 25, 26 e 27 de Novembro e no Porto a 16 e 17 de Dezembro, por Bruno Monteiro (Instituto de Sociologia, Universidade do Porto) e Joana Dias Pereira (Instituto de História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa).

²Estes manuscritos constituem uma parte do importante espólio de José António Marques (EJAM), legado por familiares à Câmara Municipal do Barreiro que se encontra depositado no Espaço Memória – CMB. O documento a que nos reportamos tem o título que José António Marques lhe atribuiu: *Registo dos factos mais notáveis nos anos 1918 a 1920*. Tem a cota AMB/EJAM/Lv.1

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

José António é ele próprio autor e actor no processo histórico que descreve, transmitindo a visão singular de um operário sobre o mundo que o rodeia, num dos pólos mais industrializados do país, habitado por uma população operária profundamente politizada. Assim era o Barreiro nas décadas iniciais do século passado.³



1. José António Marques aos 18 anos – Espólio JAM, Cx. 24 – Arq. Municipal do Barreiro

É, portanto, através do seu olhar, da sua compreensão do mundo e das suas emoções, que vamos acompanhando, diariamente, o desenrolar desta luta. Ao longo de 2 meses, intensos e intermináveis, assistimos à tomada de consciência de José António, jovem ferroviário de 18 anos que conta, dia-a-dia, como tal acontecimento pôs à prova a capacidade de resistência da classe. Em simultâneo, as suas notas transportam-

³ Quando José começa a escrever os seus diários em 1918, um Relatório da Comissão Administrativa Municipal, em breve caracterização económica e social, referia-se ao Barreiro nos seguintes termos: «A importante vila do Barreiro situada a 40 quilómetros de Lisboa, conta hoje cerca de 12.000 habitantes. Além das vastas oficinas dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e Companhia União Fabril tem perto de 160 estabelecimentos, 4 cordoarias, 3 estaleiros para barcos de cabotagem, 20 fábricas de cortiça, 1 fábrica de conservas, 1 de moagens, além de grandes armazéns de retém.» *Melhoramentos na Vila do Barreiro Projectados pela Comissão Administrativa Demissionária – 1918*. CMB/B/A/0306/Cx 10, 1918-1969

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

nos para os locais do quotidiano num quase registo cinematográfico, animado e colorido, que nos coloca em cenários de grande conflitualidade social, como os que se viviam no Barreiro, e de resto em todo o país, no final da I República.

Através das suas palavras chegamos ao desfecho deste processo, dramático, para muitos dos intervenientes. Forçados a retomar o trabalho os ferroviários, desalentados, foram vencidos pela fome e derrotados nas suas aspirações. No final enfrentam os despedimentos e as perseguições.

Para tentar compreender o contexto em que surgiu a greve de 30 de Setembro de 1920, vamos recuar ao início do ano, recorrendo às notas de José António.

Escreve ele que, no dia 14 de Janeiro, uns 80 operários abandonaram as Oficinas *«falando que arrebetava a greve»*. No mesmo dia, no Barreiro, também os corticeiros entraram em greve.

No mês de Fevereiro, no dia 12, refere que o pessoal da CUF entrou em greve e a 24 do mesmo mês, os Caminhos de Ferro do Sul e Sueste (CFSS) estavam de novo paralisados. Dois dias depois paravam os ferroviários do Minho e Douro. Em 4 Março, José António, de serviço em Faro, escrevia:

«Fui à primeira reunião de ferroviários. Na cidade correu o boato que se tinham declarado em greve os correios e telégrafos.» Neste dia, ainda, anotava ele, no seu comentário habitual sobre o estado do tempo: *«Fez um dia lindo e peras e a noite de luar, mas fria»*, prosseguindo depois com outros assuntos: *«Soube que no Barreiro principiou o trabalho. Às 14h retirou para Lisboa o Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro. Fez 17 anos a Maria Gertrudes Maurício⁴»*.

4 Futura namorada de José António Marques e com quem viria a casar

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

No dia 5 anotava: «*Soube-se que por causa da greve caiu o governo*» e no dia 25 Março «*a reunião de ferroviários que estava marcada não se realizou, por ter sido proibida*». ⁵

Em 14 de Abril, segundo notícia do *Sul e Sueste*, suicidou-se nas Oficinas Gerais um servente de 20 anos. Deixou uma carta, na qual se dizia «*cansado da vida e aborrecido com a má organização social*»⁶.

A 5 de Junho, entre os vários acontecimentos de que fala José António, lê-se o seguinte: «*pelas 12h declarou-se em greve o pessoal da construção da linha do Barreiro/Seixal*».

Em 1 de Julho nova greve estava a decorrer no Sul e a 3, seguiram-se-lhes os Caminhos de Ferro do Vouga.

Em 4 de Agosto, durante uma reunião de ferroviários no Barreiro, registou-se um tiroteio, na sequência do qual foi tomada a Rotunda das Máquinas pela GNR. O Barreiro estava em estado de sítio. Escreve José:

«*Á noite as ruas são patrulhadas por forças de Cavalaria, Infantaria e GNR, principalmente a Rua Miguel Pais. Quando regressava a casa, mais o Eugénio da Silva, perto da 1 da madrugada, fomos abordados por praças da GNR, que procuraram donde vínhamos. O Sebastião Gomes e o José Pequeno fugiram para a S. Instrução, por motivo de estarem a fazer experiências com revólveres. Deu resultado a Guarda andar em procura deles.*»

No dia 15 de Setembro os ferroviários fizeram uma reunião geral, onde discutiram, entre outros assuntos, a questão dos vencimentos⁷.

⁵ Terá sido na sequência desta greve que foram presos Leopoldo Calapez e Manuel Dionísio, membros da Associação de Classe, por trazerem consigo exemplares do *Bandeira Vermelha*, conforme regista o jornal *O Sul e Sueste*, nº21, 31 de Março, 1920. Ainda segundo *O Sul e Sueste*, a polícia efectuou buscas às casas de Miguel Correia e António José Piloto, destacados militantes anarquistas do Barreiro, igualmente membros da direcção da Associação de Classe dos Ferroviários do Sul e Sueste. Dias depois António José Piloto, Presidente da Associação, viria a ser preso pela Polícia Cívica em 10 de Abril. Cf. *O Sul e Sueste* nº22, 23 de Abril, 1920.

⁶ *O Sul e Sueste*, nº22, 23 de Abril, 1920.

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

O problema da insuficiência dos salários e as deficientes condições de trabalho, aliados à carestia de vida e à fome, eram motivo permanente de protestos e justificavam a maior parte das greves no Sul e Sueste⁸. A estas reivindicações juntavam-se os pedidos de readmissão de ferroviários despedidos, os protestos contra as perseguições políticas, pela libertação de ferroviários presos e pelo cumprimento da lei das 8 h de trabalho⁹.

No dia 20 Setembro lê-se no diário de José António Marques: «*Principiaram as forças da GNR a guardar os comboios, tanto de passageiros como mercadorias.*»

No mesmo dia, Miguel Correia dirigente da Associação de Classe foi suspenso, tal como outros ferroviários. Nos dias seguintes mantém-se o mesmo cenário:

«*Continuam as forças militares na estação, fazendo-se a partida dos comboios e vapores militarmente*» e acrescenta «*no dia 29 pelas 16h, foram tomadas as Oficinas Gerais por forças militares.*»

Chegados ao dia 30 de Setembro de 1920, escreveu José António Marques «*pelas 17 horas, o pessoal do caminho de ferro do Sul e Sueste declarou-se em greve.*».

Tinha assim início a longa paralisação que viria a terminar 70 dias depois. Nessa noite, conta José, a estação do Barreiro estava às escuras

⁷ Em 14 de Março de 1920, *O Sul e Sueste*, insurgia-se contra os baixos salários de algumas categorias profissionais e exemplificava: «Pessoal efectivo auxiliar, ou eventual 70\$00; pessoal feminino 50\$00; aprendizes, boletineiros e praticantes 50\$00; reformados 50\$00; pensões de sobrevivência 35\$00». *O Sul e Sueste* nº20, 14 de Março, 1920.

⁸ Em 16 de Agosto escrevia-se no *Sul e Sueste*, a propósito dos salários e das condições de trabalho dos ferroviários: «Chega a ser ridículo o vencimento da maioria dos ferroviários, comparável com os de certos moços de escritório, no entanto as suas responsabilidades são enormíssimas, e o seu trabalho extenuante e arriscado. Dia a dia os lares ferroviários são assaltados por doenças provenientes da sua má alimentação e das intempéries a que estão sujeitos, devido à falta de conforto tanto interior como exterior e não há meio de aparecer uma creatura, que dentro dos processos legais, legítimos e humanos ponha termo a tal situação...». «Terrível Situação», *O Sul e Sueste*, nº33, 16 de Agosto, 1920, p.2

⁹ Nesta altura trabalhava-se 10 horas nas Oficinas dos CFSS, contra o que estipulava a lei das 8 horas aprovada em 7 de Maio de 1919. *O Sul e Sueste*, nº25, 20 de Maio, 1920.

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

e parecia um deserto, não se ouvindo o silvo de uma locomotiva sequer. O silêncio foi interrompido pelas 22 horas, com a chegada dos tripulantes dos vapores que terminaram as carreiras em Lisboa e regressavam ao Barreiro, a bordo do catraio do Mariano.

Em 2 de Outubro prosseguia a greve e ele escrevia.

«Chegou mais tropa, para render a que se encontrava já há dias na Estação do Barreiro. Fizeram os militares um comboio, às 18h para Setúbal e a Central Eléctrica já trabalha.»

A 3 continuava a greve e José anotava que a falta de pão fazia-se sentir há 8 dias, no Barreiro. *«Só apanha quem for às bichas.»* Depois prossegue: *«Pelas 11h40, encalhou em frente da Estação, o vapor Minho, tripulado por marinheiros e praças do exército. Às 12h40 partiu um comboio, dizia-se que seguiu para Beja. Foram transferidas as Festas do Lavradio, por motivo da greve. À noite corria o boato andavam a fazer rusgas a casas de ferroviários. Quando cheguei a casa estava a família toda em cuidado.»*

No dia 5 a paralisação prosseguia no Sul e Sueste e entrou em greve a CP. Sem nada para fazer, José juntou-se a outros rapazes e o bando de amigos, resolveu sair para o campo a armar aos pássaros nos arrabaldes da vila. *«Declarou-se, pelas 5 h da madrugada a greve na C. P. Fomos armar aos pássaros, para o Pinhal da Brenha, apanhámos só 3.»*

No dia 7 de Outubro, José escreve no seu diário que, o Barreiro continuava em estado de sítio:

«Chegaram mais forças de Infantaria e Cavalaria da GNR. A Associação dos Ferroviários encontrava-se cercada por forças da GNR e Infantaria e as ruas patrulhadas por cavalaria, etc.»

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

Havia perseguições e prisões indiscriminadas, no intuito de obrigar os ferroviários a voltar ao trabalho. *«Ao desembarcar do vapor, na estação do Barreiro, foram presos o José Café e o Amadeu Marinho, julgando a GNR tratar-se de maquinistas. Pelas 19h35 estive mais o Daciano no Mexilhoeiro. Fomos para ao pé dos maquinistas, e fogueiros de terra e mar, e outros ferroviários, que se encontravam junto a uma barraca, a ver os vapores a fazer carreiras de Lisboa a Barreiro. Regressámos a Barreiro, era quase noite. Soube que tinham chegado mais 30 praças de cavalaria da GNR, de Setúbal».*

A 9 de Outubro, diz ele: *«Continua-se a efectuar prisões de ferroviários e pondo-se outros em liberdade.»*

No dia 13 continua a greve nos CFSS. José aproveitava o tempo: *«Fui passear ao campo mais o Carlos Sândalo e o Borrvalho. Saímos do Largo Casal até à Quinta Nova do Gandum. Encontrámos por acaso o Comité Local, por cima da Paiva. Era o António José Piloto e o maquinista Horta.»*

Haviam passado 3 semanas desde o início da greve. Registava-se agora algum desânimo, entre os ferroviários. A presença dos militares, em constantes patrulhas pela vila era opressiva. No jornal local *Acção*, escrevia-se que *«A táctica adoptada pelo governo foi mobilizar diversas unidades do exército para com elas normalizar os serviços ferroviários, mas isso que ainda só veio agravar mais a vida interna do país, só tem protelado a questão, que particularmente também tem originado incalculáveis prejuízos».*¹⁰

¹⁰ *Acção*, nº 2, 24 Outubro, 1920

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques



2. Escola de Aprendizes de Estação (1921). Espólio JAM, Cx. 24
Câmara Municipal do Barreiro

Alguns ferroviários começavam a regressar ao trabalho. A tensão acumulava-se como um rastilho e os ânimos exaltados dos operários em greve, faziam explodir conflitos. No dia 24 de Outubro, ao fim da tarde, registaram-se incidentes.

«Às 18h55 foi corrido o Guerra, escriturário amarelo, vindo alguns sobre ele, pela Rua Eusébio Leão. Pelas 19h20 foi também o amarelo José d'Almeida, o “Rato Cego”. Às 20h50, atiraram da janela do Alfredo Figueiras uma carta, com os dizeres “Viva os Ferroviários” e foi corrido, por uma claque de ferroviários, o sobrinho do “Rato Cego”. Por fim até perdeu a fala. Eu, e outros, mandámo-lo embora para casa.»

No dia seguinte, José prossegue no seu relato: *«Continua a greve e todo o dia andaram pela vila bastantes camiões, em transporte de carga e passageiros, de várias partes do Alentejo. Correu o boato de, ficar hoje, a*

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

situação dos ferroviários do Estado resolvida. Pelas 23h houve descargas na estação, sobre umas embarcações.»

No dia 26 de Outubro continuava a greve. Escreve ele que, tendo havido reunião com o Ministro do Comércio, nada ficou resolvido. Saíram nesse dia, do Barreiro para o Alentejo, 12 camiões carregados de sacaria de adubos, da CUF.

Ao outro dia, a 27, terminavam sem êxito as negociações entre o Governo e o Comité. A situação nas casas dos ferroviários agravava-se, alguns arranjavam meios para tentar garantir a subsistência da família. Escreve José António no seu diário:

«Pelas 20h45 passaram pelo Largo Casal 2 indivíduos, a vender sardinha fresca. Meteram-se pelo beco do Formiga, correndo o boato que eram ferroviários, disfarçados.»

No dia 30 de Outubro houve mais prisões. Pelo Barreiro dizia-se que a Ponte de Faro tinha ido pelos ares e “O Século” noticiava que, os grevistas tinham tirado os carris perto de Ourique. Nesse dia, à tarde, houve reunião de ferroviários, no campo. José não faltou.

«Fomos a caminho do campo ao sítio combinado para a reunião. Às 15h15 fomos até ao Pinhal do Brenha, mas como não víssemos nenhum camarada fomos para a estrada. A primeira vedeta, no cruzamento, era Luiz Fonseca, a 2ª vedeta, na Quinta dos Arcos, o José Oliveira. Juntaram-se perto de 800 ferroviários.

Aberta a sessão, a maioria dos ferroviários, assentaram-se no chão. Presidente da reunião, o Piloto. O primeiro a falar foi o Custódio Boavida, sobre o estado actual da greve. Também falou o chefe dos maquinistas, Horta. Falou sobre o pessoal de tracção, principalmente os maquinistas, depois o José Leal, maquinista, sobre os últimos decretos do governo do Sr. António Granjo.

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

Até falou o Cebola, dizendo é agora o princípio da greve por violências.

Também falou o militar do Batalhão de Sapadores, Luís Monteiro, disse sobre o mesmo caso do Cebola isto aqui só por meio de violências, que andar a pedir aos ministros por esmola, de ministério para ministério, de dia para dia, não dá resultado.

E ele disse na greve de Novembro, há 2 anos, tinha queimado a caldeira da máquina 14, e era militar, dizendo o melhor era já formar uma comissão para se tratar das violências e actos de sabotagem.

A seguir falou o chefe de estação, Fernandes Júnior, sobre a venda da linha. Depois falou o Chefe do Escoural, o Carvalho, sobre alguns assuntos da greve e sobre um assunto que se tinha passado com outro ferroviário, que vinham a pé em Poceirão e tiveram que negar que eram ferroviários.

Em seguida falou o revisor Ferreira, sobre muitos assuntos ferroviários, dizendo o melhor era as violências, já não há outro meio a fazer. Depois disse, há dias, por não ter que comer, cozi uns caranguejos.

No fim falou o Piloto, disse nem que viessem forças para nos prender, não retirava ninguém do lugar que estamos, sendo aprovado por todos. Dizendo também: camaradas não tomai o trabalho sem ver a vitória final, senão ficamos desgraçados.

Também falou sobre os 100 contos, que o governo vai fazer de despesa com os reis da Bélgica que brevemente chegarão a Lisboa e dos 300 contos para a ordem pública, que foram aprovados sem discussão e para nós trabalhadores que produzimos não há verba, e não se aprova.

Sobre os amarelos, o Batalhão de Sapadores e o roubo nas Oficinas de 400ks de metal branco e sobre os camaradas a pedir o dinheiro à classe, disse façam o menos possível, o dinheiro em caixa é pouco.

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

Empregar as violências, não ter dó dos passageiros, que eles não têm dó dos nossos filhos e dos ferroviários estarem a morrer de fome.

E que o Sr. António Granjo condenou o vagão fantasma, mas está pronto a mandá-lo fazer.

E condenou os ferroviários que frequentam tabernas e teatros, dando vivas aos ferroviários do SS, CP, MD e ao Comité, respondendo os camaradas com vivas ao Miguel Correia.

O Piloto disse no final não haja receios alguns, é olhar para a frente, e não para trás.

Terminou a reunião às 19h50. Destroçaram uns para um lado, outros para diversas partes. Vim só, em direcção à estrada, era escuro mas a noite estava linda. Ainda veio um cão atrás de mim, ouvi falas de pessoas conhecidas. Saltei o valado, caindo na estrada, aonde vinham muitos ferroviários.»

Conta José que, nos dias seguintes, foram presos mais ferroviários e alguns, desesperados, estavam resolvidos a ir contratados para África, para os caminhos-de-ferro de Moçâmedes.

No dia 3 de Novembro a greve prosseguia e as perseguições aumentavam. A polícia, na tentativa de pôr os comboios em movimento, prendia indiscriminadamente qualquer ferroviário que encontrasse. Procurado pela Polícia, José António vê-se forçado a sair de casa e esconder-se num terreno que seu pai tinha, fora do Barreiro. Alguém lhe leva o almoço e os jornais e ele sente-se como se estivesse já na prisão.

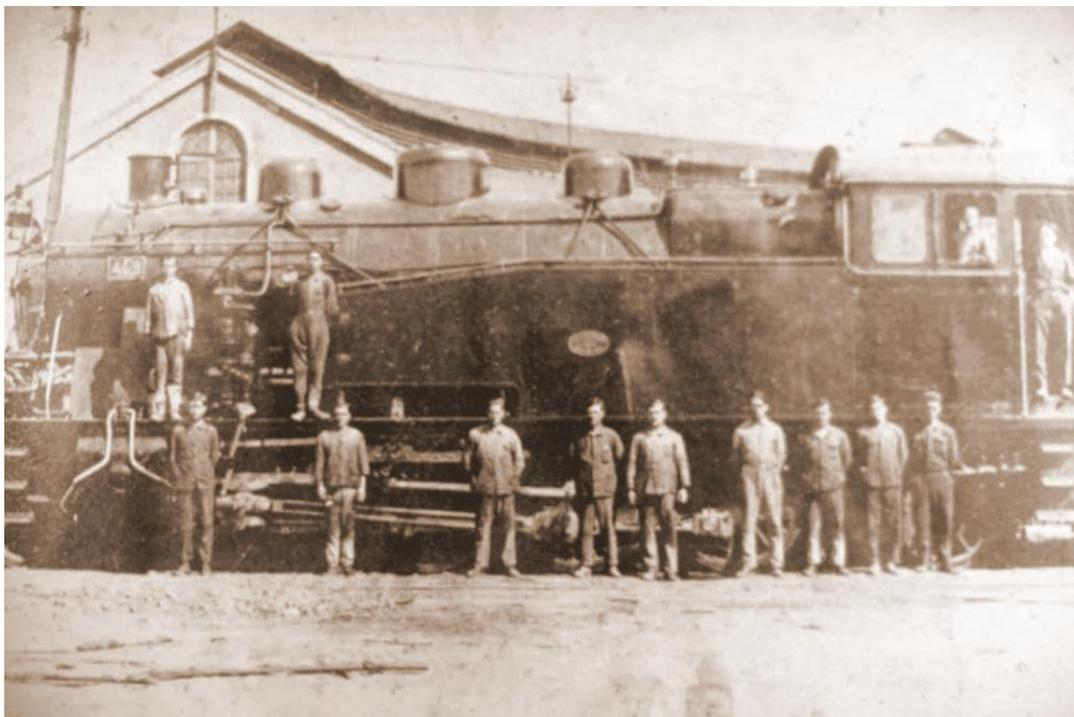
«Foi preso o guarda-freio Cebola e pelas 10h25 fui avisado para fugir de casa, andando em minha procura a Polícia dos CFSS e o Sr. Alexandre, e alguns da Segurança do Estado, e o Secreta Alberto Silva. Fui para o

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

terreno do meu pai. Foi o almoço e jornais, parecendo já um preso. Às 18h05 regressei a casa, não fui à vila.»

No dia 7 de Novembro começou o vagão fantasma. O Batalhão de Sapadores dos Caminhos de Ferro cercou o Lavradio «*sendo presos alguns ferroviários, entre eles o maquinista António Feio, Francisco A. Silva e Manuel Nunes. Estes seguiram no comboio 19, à frente do célebre vagão fantasma para Setúbal. No cabeçote da máquina soldados da GNR, tendo instruções de fuzilar os ferroviários que transitavam no dito vagão.*

No dia seguinte foram para o vagão fantasma, o Luís Carvalho, fiel de estação, Francisco Candeias, chefe, e António Camacho, revisor de material. À noite recolheram ao Governo Civil.»



3. Rotunda das máquinas, Barreiro, início séc. XX. Foto Sindicato Ferroviários do Sul

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

O braço de ferro entre os ferroviários e a empresa continuava, mas a situação agravava-se dia a dia, para estes. Alguns estavam já a *«trabalhar na agricultura no Lavradio, em Alhos Vedros, Moita, etc. e outros na Companhia União Fabril e na grande fábrica que se encontra em construção, na Verderena.»*

A 9 escrevia José: *«Fui à vila à noite, soube que tinha ordem de prisão, como o Carlos Garcias. Este passou dois dias no Teatro República. Por esse motivo, a polícia andava em rondas, à procura também do Artur e do Custódio. Foi preso o filho do Brito.»*

No dia 11 de Novembro, o Tenente-coronel Raul Esteves convidou os ferroviários para se apresentarem ao serviço até dia 25. As prisões continuavam, quem fosse apanhado era levado e metido à força no vagão fantasma.

O desespero instalava-se, e, no dia 12, houve mais um suicídio: matou-se com um tiro o bilheteiro António Paiva.

Continuava a greve. No dia 13, as caldeiras das Oficinas estavam a trabalhar, com militares do Batalhão de Sapadores. Diz José António:

«Às 17h50 tocou a buzina, pela primeira vez, após 44 dias em greve.»

No outro dia, à noite, o Largo Casal estava apinhado de ferroviários, ansiosos por notícias, que não chegavam. Corria o boato que tinham roubado a buzina das Oficinas mas, no dia 16, a buzina tocou às *«7h20, às 7h25, às 7h37, às 9h30, às 10h, às 11h45 e 11h52»*.

Houve desordens, numa taberna do Largo Casal e entretanto, chegaram ao Barreiro mais 40 praças do Batalhão de Sapadores. Havia várias locomotivas avariadas, pois os militares não sabiam trabalhar com elas.

No dia seguinte não tocou a buzina das Oficinas. Ao meio-dia chegou farinha ao Barreiro, há já 7 dias sem pão. Soube-se que ficou formado o

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

novo governo e às 20h15, foi corrido do Largo Casal, o Manuel Sacristão, por ser amarelo.

Continuava a greve, mas havia carreiras de vapores para Lisboa, feitas por militares e umas 10 locomotivas a trabalhar.

«Pelas 20h10 atiraram foguetes. Diziam os boateiros, que era a greve resolvida, soube-se mais tarde que era o aniversário do 22 de Novembro. Por motivo do boato, da greve resolvida, havia já cervejas e no Largo Casal, não se podia passar, estavam perto de 300 ferroviários e de outras classes. Vinham saber notícias...»

No dia 25 de Novembro, terminou o prazo para admissão dos requerimentos e até esse dia, tinham entrado apenas 5 nas Oficinas. Da parte da tarde, Raul Esteves e mais oficiais *«passearam pela vila. Patrulhas de Infantaria e Cavalaria não autorizavam grupos pelas ruas, nem nos estabelecimentos. O governo pediu a demissão»*.

Quinze dias antes do final da greve, o estado de ânimo de José, e por ventura o da maioria dos seus camaradas, parece denotar já um grande cansaço. O desalento que o assalta revela-se na frase *«Fez um dia tristíssimo, todo o dia.»*

Em 30 de Novembro regista no seu diário *«Continuação da greve. Três indivíduos desconhecidos deram uma tarefa no Inspector Carvalho. No dia 1, julgando haver reunião dos ferroviários, forças da GNR a pé, de cavalaria e engenharia e alguns camiões, foram para o Vale Romão. Ainda prenderam um fulano três vezes, apalpando quem passava e revistando carroças, burros, etc.»*

No dia 3 de Dezembro escreve:

«Às 19h10 encontravam-se no Largo Casal muitos ferroviários, à espera de fresquinhas. Neste momento chegou uma força da GNR, a cavalo, a maioria meteram-se pela Leitaria do Lá-vai. A Guarda, ao ver isto,

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

fizeram cerco à dita Leitaria. Desapearam 4 praças e 1 Cabo, estiveram a apalpar todos, sendo perto de 60 ferroviários. Alguns tentaram sair pela porta de trás mas, deram com a Guarda. O Farto Velho, o tempo que teve, foi esconder o revólver na boca do fogareiro. Não prenderam pessoa alguma, sendo um grande alvoroço por toda a vila.»

Ainda nesse dia soube-se «que o Comité foi chamado pelo ministro e suprimido o “vagão fantasma”, sendo soltos todos os grevistas na linha do Douro e Minho.»

No dia 4 continuava a greve, sendo cada vez mais insuportável a situação entre os ferroviários. «A maioria dos ferroviários encontrava-se no Largo, “esmorecidos”. Em casa soube que foram demitidos o João de Beja e o Maneca. Fizeram requerimento e a resposta foi, que, estavam já preenchidos os lugares.»

No dia 6 era esta a situação no Barreiro: «estavam proibidos os ajuntamentos pelas ruas e estabelecimentos, era só aviar-se e sair logo. Os jornais traziam que a vila estava entregue ao poder militar. Foi substituído o Administrador do Concelho [pelo] Sr. Capitão Loureiro. Saí de casa, cheguei ao Largo Casal, fui depois até à praia, encontravam-se muitos ferroviários. Depois juntei-me de conversa com o Luís Penim, e outros, com respeito à nossa situação. Depois fomos pela praia, Jardim Público, Bairro Operário, etc. Pelas 17h50 chegou uma ordem que iam prender os ferroviários como vadios. Já foram presos 2, no Barreiro-A, como tal.»

Na cadeia dos Paços do Concelho estava preso Júlio Veríssimo, Presidente da Câmara Municipal. Escreve José António:

«Fui ter com um oficial dizendo: parece mal estar esse homem nessa prisão, como Presidente do Senado da Câmara. Resposta do oficial: não conheço como tal, mas sim ferroviário, e se é por causa disso, ele segue já

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

para entrar na cadeia. Seguiu depois para o vapor às 17h55. Correu o boato que vão tomar a Associação de Classe, para quartel da GNR. Regressei a casa.»

No dia 7 de Dezembro «andou toda a manhã o Capitão Loureiro como Administrador do Concelho e prendeu 7 ferroviários, depois mandou 3 embora. Continuavam as patrulhas pelas ruas da vila. Chegaram mais 150 praças da GNR, que fizeram aquartelamento na Associação de Classe e nas Cocheiras do Daciano. Não era permitido andar nas ruas, e, alguns empregados da Fábrica Herold, pediram um salvo-conduto. À noite houve reunião de ferroviários e corticeiros.»

No dia 8 ansiava-se pelo fim da greve.

«Chegou a notícia que a Comissão de Melhoramentos esteve no Ministério, mas não ficou nada resolvido. Saíram manifestos aos ferroviários e ao público, com os dizeres: apresentação dos ferroviários em massa, amanhã.» No Largo Casal, cheio de ferroviários, esperava-se pelo Comité.

No dia 9 de Dezembro, profundamente desalentado, José António escreveu: *«Terminou a greve dos ferroviários. Após 70 dias em greve perdemos, pelo motivo de fome, em diversos lares».*

Eis que chegava ao fim, uma das mais longas paralisações registadas no Sul e Sueste, na qual a classe ferroviária sofreu uma derrota profunda. As reclamações não foram atendidas, muitos homens perderam o seu posto de trabalho e outros foram parar à prisão.

«Estiveram muitíssimos ferroviários no Largo Casal. Veio ordem para irem todos para o Largo dos Aliados. Em frente da Igreja da Senhora do Rosário falou o Rosa de Tunes e pelas 11h30 seguimos em massa, pela Rua Miguel Pais. Eram perto de 2000 homens para se apresentar ao serviço. Ao chegarmos em frente da minha loja, um alferes e 2 praças da GNR a cavalo, não deixaram passar pessoa alguma. Formou-se uma

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

comissão e foram à estação. Foi respondido à dita não pode ser ninguém admitido sem requerimento. Respondeu o pessoal, todo à uma, vamos embora. Regressamos ao Largo dos Aliados e só apareceram uns 300 ferroviários. A maioria foi fazer requerimentos e outros já os tinham feitos, nas algibeiras. Quando regressámos ao Largo, passou pela Rua Miguel Pais uma força de cavalaria da GNR, acelerada, para a estação. No Largo, estive numa das janelas da Igreja, falando, o Custódio Boa Vida, dizendo não se faz requerimentos, que foi uma comissão a Lisboa. Quando terminou, uma mulher que estava a ouvir fugiu, e a maioria dos ferroviários idem.

Mais tarde [...] encontrava-se grande bicha nos Paços do Concelho, ao papel selado. Ao fim da tarde, já estavam 3 terços do pessoal com requerimentos metidos.

Encontravam-se muitos ferroviários pela praia, à espera de notícias de Lisboa. Avistou-se ao longe o Catraio do Mariano, todos a andar, e ele foi para a doca da CUF. Vieram com a notícia, que a Comissão ficou em Lisboa. Retirámos para o Largo Casal, fazendo bastante frio. No Largo estavam poucos ferroviários. Fui para a Sociedade de Instrução, mais o Custódio e o Aurélio.

No dia 10 «Levantei-me às 7h30, estive com Rafael Soeiro e fomos até às Oficinas. Estavam perto de 60 ferroviários. Retirei e fui para a vila. Comprei, no José Café, por motivo de não haver papel selado, papel de 25 linhas. Estavam muitos ferroviários e mulheres, a comprar também. Entrou um ferroviário com “Batalhas”, debaixo do sobretudo, a vender.

Pelas 12h30 fiz entrega do meu requerimento na mesa. Regressei ao Largo Casal, uns faziam requerimentos, outros em procura de papel selado. No Largo estava grande número de ferroviários, ao sol. Chegou um camarada, dizendo que vinha no jornal o nome de 400 ferroviários despedidos do SS, Douro e Minho.

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

Soube que estavam a chamar alguns, que tinham metido os requerimentos de manhã. O Eugénio Silva veio despedido. Estavam muitos ferroviários a trabalhar nas Oficinas.



4. Reportagem do Século, 1917. Espólio JAM, Cx. 24 – Arq. Municipal do Barreiro.

Mais tarde, uma grande claque, fomos até às Oficinas, estava grande porção de ferroviários, à espera que chamassem pelos nomes. Entrei pelo escritório, trazes fato de ganga, não, mandou-me a casa buscar. [Depois vestiu-se no escritório.] Tens ferramenta, não, mandou-me à Gare. Neste momento chegou um comboio, feito por militares. Pelas 17h12 o João da Luz mandou-me embora, fui para a vila. Falei com a Maria Gertrudes e regresssei à Sociedade Instrução. Estive a jogar à bisca, mais o Júlio Martins...

A greve de 70 dias no Sul e Sueste, Barreiro -1920 - segundo os Diários de José António Marques

O primeiro comboio, feito pelo pessoal foi para Setúbal, máquina nº 28, maquinista António de Oliveira, fogueiro o Balbino.»

E José António Marques prossegue com o relato quotidiano dos acontecimentos, até ao dia 31 de Dezembro de 1920...

Rosalina Carmona

Câmara Municipal do Barreiro